

**KLAXON**

**mensario  
de arte  
moderna**

**S O P U G O**

**N  
110**

**EST**

# klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

**REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:**

S. PAULO — Rua Direita, 33 Sala 5

**ASSIGNATURAS — Anno 12\$000**

Numero avulso — 1\$000

**REPRESENTAÇÃO:**

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda  
(Rua S. Salvador, 72-A.)

FRANÇA — L. Charles Baudouin (Paris).

SUISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treille, 3).

BELGICA — Roger Avermaete (Antuérpia —  
Avenue d'Amérique, n. 169)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus colaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permitido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscritos.

## SUMMARIO

OMNIBUS .. .. .	<b>A. C. Couto de Barros</b>
AL VOLANTE .. .. .	<b>Guillermo de Torre</b>
VISIONS (I) .. .. .	<b>Serge Milliet</b>
AS CORTEZÁS .. .. .	<b>Guilherme de Almeida</b>
EGLOGA SENTIMENTALE	<b>Gaetano Cristaldi</b>
POÊME .. .. .	<b>Manoel Bandeira</b>
AOS HOMENS DE	
EXPERIENCIA...	<b>Rubens de Moraes.</b>

**CHRONICAS :**

THEATRO DOS BONECOS.	<b>R. Avermaete</b>
LIVROS & REVISTAS	<b>M. A.</b>
CINEMA .. .. .	<b>M. A.</b>
LUZES E REFRACÇÕES	
EXTRA-TEXTO .. .. .	<b>Annita Malfatti</b>



# Omnibus

## ESPIRITISMO

**C**omeçando a medir, o homem creou o domínio científico. Foi notável acontecimento, quando a água deixou de ser considerada um corpo simples, passando para o rol dos compostos. Entretanto, esse acontecimento só principiou a ser interessante, no momento em que se verificou que, para a formação da água, o hydrogenio e o oxygenio só se combinavam na proporção de 2:1. E' que introduzir o numero nos phenomenos universaes implica submettel-os a leis determinadas. Tem-se, desse modo, uma visão economica e lisongeira do Kosmos...

Todos os phenomenos serão passíveis de medida? Um delles, até agora rebelde ao jugo mathematico, é a emoção esthetica. Si fosse possível determinar a sua qualidade e intensidade, estaria creada, scientificamente, a Esthetica. Ha de parecer que incorro em pleonasmio, quando falo em determinar a «qualidade» da emoção esthetica. Pois si eu puz o adjectivo «esthetica» ao lado do substantivo «emoção», como poderia determinar o que de si mesmo já está determinado?! Mas, si eu dissesse, agora, que ella é um phenomeno complexo; que é

a resultante de innumerios factores, todos hão de convir, por força, que a simples mudança na ordem desses factores ou a preponderancia de uns sobre os demais, é o bastante para imprimir uma «nuance» diferente á emoção esthetica, como o simples movimento num kaleidoscopio modifica o mosaico colorido...

Assim, da mesma maneira que, na chimica organica, existem centenas de corpos isomeros, correspondendo á mesma formula molecular, tambem existem centenas de emoções estheticas (isomeras), correspondendo aos mesmos factores psicologicos... Representando por X a emoção esthetica, estabelecerei a seguinte equação:  $X = p + q + r + s...$  E' evidente que o valor de X se modificará, na proporção que variarem os valores de p, q, r ou s, E' o que, em algebra, se chama um problema indeterminado.

Estou dizendo todas essas cousas, mais ou menos cabalisticas, para mostrar que a Esthetica é uma nebulosa, um simples schema, uma sciencia branca. Consequencia:

Quando alguem ataca musicos, pintores, poetas, em nome da Esthetica,

# klaxon

está invocando um espectro, um fantasma... E nesse caso, antes que os quadros comecem a dançar sobre a parede e a meza a descrever parabolae no ar, — é sempre bom que alguém aperte o botão da luz electrica...

\* \* \*  
PUZZLE

A sciencia procura dar uma visão cada vez mais impessoal do universo. Nesse sentido, Einstein, com o seu celebre Intervallo, deu mais um passo á frente. Ao inverso do que acontece com a sciencia, a arte inclina-se para o subjectivismo. A arte moderna é, na sua generalidade, profundamente subjectiva. Para o poeta de hoje não ha themas preestabelecidos, nemapparelhos complicados em que deva filtrar as suas emoções. Seu «eu» deixou de ser mercadoria vendida a retalho, em caixinhas de diferentes tamanhos e feitios, ao gosto do sr. «Todo o Mundo». Agora, o poeta se offerece todo, como elle é, num determinado ponto do tempo e do espaço. Dahi, ás vezes, certas infantilidades, certas associações chocantes. Isto quasi sempre descon-sola os amadores de puzzle psychologico, que preferem personalidades retalhadas. afim de possibilitarem a volupia ineffavel de poderem juntar os fragmentos dispersos, formando, desse modo, uma figura qualquer, amarfanhada, estúpida, morta...

\* \* \*  
MIL E UMA NOITES

O extremo subjectivismo leva ao hermetismo, — uma porta fechada. E quem não souber dizer: «Sesamo, abre-te!», que passe deante della, sem olhar. Esta attitude, que é a minha, é muito mais prudente e avisada do que a daquelles que, sabendo a formula, conseguem entrar, mas, uma vez

lá dentro, ficam sem poder sahir, pois que, deslumbrados com o que vêem, esquecem magicamente a palavra magica. Estes, em geral, enlouquecem...

\*  
A JANELLA ABERTA

O que pôde salvar o extremo subjectivismo do hermetismo é a ironia. A ironia, sendo o resultado de uma comparação entre o individual (que é sempre supposto ser superior, embóra nem sempre vença) e o colectivo, o «não eu», presuppõe uma attenção elastica, repartida entre o mundo subjectivo e o objectivo. O individuo, assim, nunca está encerrado dentro de si mesmo e, de vez em quando, abre a janella para ver a vida passar tumultuariamente... Além disso, a ironia é um desdobraimento do instincto de conservação. E quando as nossas tendencias mais intimas e inconscientes periclitam, quando se fragmentam ou vão fragmentar-se de encontro as asperezas do meio em que vivem, então ella surge, consolando-nos, auxiliando-nos a viver... As sensibilidades mais delicadas são e devem ser, consequentemente, as mais ironicas, porque estão mais expostas, porque se lascam mais facilmente..

\* \* \*  
O CORVO

Certos theoristas do modernismo, depois de enxotarem, dos dominios artisticos, o dogmatismo, — esse corvo «perched upon the bust of Pallas», tomaram-se de tal temor que elle voltasse, que collocaram em frente da Arte um espantalho. Mas eis, que de novo, manchando o corpo branco de Pallas, uma sombra ridicula se estende: a sombra do espantalho...

A. C. COUTO DE BARROS.

**k l a x o n**

# 3

## AL VOLANTE

POEMA ULTRAISTA

**a** l volante  
todas las carreteras se encabritan  
En el juego de las velocidades  
los pedales  
barajan un kaleidoscopio  
de perspectivas tornátiles  
El coche es un arco combado  
que dispara  
travectorias insaciables  
Adelante Hacia el vertice  
Trepanamos aldeas ancladas  
y campiñas que galopan  
En el cross-country cósmico  
las montañas rivales  
enarcan sus lomos al saltar  
Cogido de las manos  
paralelamente  
avanzamos con los cables y los rios  
que permutan sus cauces  
Saltos entre las redes de itinerarios  
Trepidaciones  
El motor padece taquiarritmia  
Las ventanillas deshoian un alburn de paisajes  
El parabrisas multiplica nuestros ojos  
que cosen los panoramas evasivos  
Y el viento liquefacciona los sonidos  
En la enbriaguez dinámica  
el auto siembra  
una estela  
de células aladas.

GUILLERMO DE TORRE (Madrid, 1922)

**k l a x o n**

# 4

# VISIONS

## II

Ma jeunesse ne fut qu'un ténébreux orage  
(Baudelaire)

**m**a jeunesse ne fut qu'un long voyage  
Les paquebots et les express m'ont transporté  
de paysage en paysage  
et d'hivers en étés  
à travers tout l'univers  
Et c'est ainsi  
que j'ai connu tous les pays  
celui de Baudelaire  
celui de Cervantes  
celui très grand de Shakespeare  
et celui plus grand encore de mon âme...

Simplicité complexe  
C'est le blanc de la boîte à couleurs  
Douleur

non pas larmoyante  
enfant de siècle

mais pure

blanche

malgré l'immeusité de mon sarcasme

un jeu facile de jongleur  
car devant ma maison il y un beau cirque  
où six clowns niment la vie  
où des cavalières en maillots roses et décorées d'un sourire aimable  
dansent sur des chevaux parnaissiens une danse macabre  
Moi je ferme les yeux et je souris  
mais les clowns qui niment la vie  
disent entre deux mots d'esprit que mes doigts sont crispés sur la chaise

O mon âme... pays de luxe et de mensonge...  
J'ai chanté la misère et je suis riche; je puis veudre de grands trésors  
à vil prix sans pour cela me ruiner. Une mine, mon âme, une mine inépuisable, tout un monde, avec des pays plus grands que le pays où je sois né, et des villes plus que celles des légendes somptueuses.  
Palais de marbre et d'or, rues asphaltées d'argent ou de platine avec pour réverbères de multicolores diamants, jardins suspendus par des ballons captifs où vivent de plantes interplanétaires...

# k l a x o n

# 5

*O féeriques Babylones  
Empires décadents  
Extases et opiums  
Et quelle richesse en philosophies audacieu  
ses, explications inédites de l'univers, poèmes absolus dans la relativité  
du temps... Et quels tombeaux insondables de douleurs toute saignantes  
rouges  
bleues  
blanches  
Vive la France!  
Marseillaises enivrantes,  
enthousiastes, symphonies diaphanes, opéras, dadaïstes dans des décors  
subconscients... en jouir dans ma solitude!  
Ah! vous pouvez parcourir tous les pays du monde  
photographier tous les paysages  
Le pays de mon âme moi seul le connais  
et moi seul vous peux livrer  
quelques bribes difformes  
quand il me plaît...*

Serge MILLIET

## As Cortezãs

(Das "Canções Gregas")

**e**llas passam no poente, junto ao cáes. Seus vultos  
volantes, nos stróphions curtos,  
azues, doirados e lilazes,  
são leves e subtis: parecem grandes aves.

As cortezãs passam no occaso cor de malva.  
As suas joias cantam um canto fino de ouro,  
e os seus cabellos lavados fazem um rolo  
de trigo maduro, sobre a nuca alva.

Na tarde do cáes, contra o sol obliquo,  
ellas erguem a ventarola  
sobre os olhos verdes: e olham o mar longinquo.  
E, aos pés de cada uma, o sol desenrola  
uma longa sombra rôxa sobre as pedras pretas,  
como si atirasse punhados de violetas...

GUILHERME DE ALMEIDA

**k l a x o n**

# 6

## EGLOGA SENTIMENTALE

**O**gni giorno  
nell'ora in cui  
d'arancio e d'oro e berillo  
le nugole bistre bigie grigie  
ed il ciel di piombo  
lacerata a strombo  
il Sole —

per la via sgombra  
che si dava all'ombra  
come l'amore al sonno  
flessibile solida ferina felina  
tutta di nero come  
la notte che già scendea  
ella ascendea

Onde veniva? Dove andava?  
Passava  
Nel globulo latteo nell'iride glauca  
lo stanco fluttuar  
della malinconia  
e nel passo  
l'accento d'un sonetto  
e nel bistro delle ciglie nel belletto  
nel vermiglio carminio  
dell'unghie dei labbri dei lobi  
l'offerta cromatica  
di amore  
di passione  
di pazzia isterica —

col giorno  
per la via sgombra  
come l'amore al sonno  
si dava all'ombra

Onde veniva? Dove andava?  
Passava  
Ma piu' non ripassó

**k l a x o n**





**Piu' mai nell'ombra ché scendea  
io la rividi –**

**Dopo  
– qualche tempo dopo –  
questo ho sentito  
E' morta  
Pensai intristito  
la fine che il fulgido passato  
e quello immondo  
tinge ugualmente  
di donta d'elegia di pallore  
Dissi  
certo bella nel bollore  
della verginitá ardente  
come l'amor al sonno  
dolorosamente  
ti desti alla fine**

**Dopo  
– qualche tempo dopo –  
questo ho sentito  
E' morta nell'attimo caotico  
del piacere completo  
sotto un petto di maschio  
forse beno certo forte  
rapita dal primo turbine  
di voluta  
con la verginita  
voio la vita**

**Unde veniva? Dove andava?  
Da ignote scaturigini o amore  
forse per una via  
che le trasse il core  
veniva  
Per una meta bella  
per la piu' deua fine  
bellamente  
andava  
Passava**

**GAETANO CRISTALDI.**

**k l a x o n**

# S POÈME

**P**etit chat blanc et gris,  
Reste encore dans la chambre.

La nuit est si noire dehors!  
Et le silence pèse.  
Ce soir je crains la nuit.  
Petit chat, frère du silence,  
Reste encore...  
Reste auprès de moi,  
Petit chat blanc et gris,  
Petit chat...

La nuit pèse...  
Il n'y pas de papillons de nuit...  
Où sont donc les bêtes?  
Les mouches dorment sur le fil de l'électricité.  
Je suis trop seul vivant dans cette chambre!  
Petit chat, frère du silence.  
Reste à mes côtés:  
– Car il faut que je sente la vie auprès de moi,  
Et c'est toi qui fais que la chambre n'est pas vide!

Petit chat blanc et gris,  
Reste dans la chambre.  
Eveillé, minutieux et lucide.

Petit chat blanc et gris.  
Petit chat...

MANUEL BANDEIRA.

**k l a x o n**





# Aos homens de experiencia

**E**m arte não ha progresso. O progresso só existe para as cousas materiaes e na bandeira brasileira. Nós não escrevemos melhor que Machado de Assis, nossos poemas não são mais bellos que a Eneida de saudosa memoria. Egualar Camões ou Racine não tem a minima importancia. O que nos importa é traduzir a nossa epocha e a nossa personalidade.

Se somos modernos, isto não quer absolutamente dizer que condemnamos os classicos, romanticos, parnasianos e todos os «passadistas». Bilac, Castro Alves, Gonçalves Dias foram grandes poetas. Escreveram obras romanticas e parnasianas na epocha do romantismo e do parnasianismo. *Foram modernos! Bravo!*

O ridiculo é um poeta acreditar em soneto e em alexandrino neste glorioso anno do Centenario da Independencia.

Se um individuo andasse hoje passeando pelas ruas do Triangulo vestido á moda de D. João VI, o sympathico guarda civil da Praça Antonio Prado prenderia o «louco» confirmando a fama da nossa Força Publica, a melhor do mundo.

V Sria. é com certeza pae de familia. Se não é, já foi, ou será, é fatal. Logo deve possuir essa cousa ridicula e perfeitamente inutil: a experiencia. Como tal deve succudir a cabeça: «Qual! tudo isso passa!» Não pense V Sria. que disse uma grande novidade. Isso já foi dicto por V. Hugo

que V Sria. tanto admira, e muito melhor, em versos:

Tout passe, tout casse, tout lasse ...

Victor Hugo tinha razão. A prova é que elle cançou e passou. Felizmente.

delles poetas, romancistas, esculptores geniaes que hão de ser a expressão sublime do tempo em que viveram.

Os «modernos» tambem passarão como passaram os romanticos, deixando atraz

Ninguém é dono do tempo. V. Sria. que têm cabellos brancos sabe disso melhor de que eu que não os tenho graças ao tempo.

O «modernismo» existe, é inutil revoltar-se. E' um facto, como os aeroplanos, o bolchevismo, o fox-trot e o jazz-band. Ouço daqui seus gritos de protesto: louçura, immoralidade! Não grite tanto por favor, atrapalha minhas ideias.

Se V. Sria. tivesse observado um pouco, saberia que «a dissolução dos costumes» é uma simples consequencia das guerras e revoluções. Durante a «Terreur» houve muito mais libertinagem nas ideias e costumes do que hoje.

Esteve em Paris antes da guerra? Bella cidade, não? Divertida! Moulin Rouge! Pois hoje é muito mais. E não só Paris: é Berlim, Nova York, Vienna, Londres, uma pandega geral! Não proteste, por favor! Admiro que um homem tão cheio de experiencia não ache tudo isso muito natural. Quem teve a sorte de escapar ao horror das trincheiras quer divertir-se um pouco an-

**k l a x o n**

tes de começar a vida seria. Nossa epocha é o domingo dos seculos. Toda gente se diverte aos domingos, menos eu que me aborreço.

Mas qual será o resultado de tudo isso?

Ah! isso é uma pergunta muito séria, é quasi philosophia. Já ouviu com certeza fallar nos «incroyables» da Revolução franceza? Pois são os «almofadinhas» de hoje. Conhece com certeza o «Prefacio e a batalha de Hernani»? Pois são as batalhas dos «modernos». O que provam esses factos? Que os fox-trots, os «futuristas» as ideias modernas são perfeitamente normaes.

Não peço aos seus cabellos brancos que comprehendam a Arte moderna mas que a acceitem como um facto.

A Arte moderna é uma manifestação *natural e necessaria*. Os artistas moderno são homens convencidos de que é preciso procurar novas formas, porque as que existem não traduzem mais a vida contemporanea. Bandeirantes do pensamento elles estam á procura das esmeraldas.

Os philosophos barbudos dizem que a humanidade dá dois passos para frente e de pois um para traz. Eu que não sou nem philosopho nem barbudo, digo que é preciso dar dois saltos para frente para ganhar um salto que vale dois passos.

Os artistas de hoje, atletas elasticos, estam dando o sublime salto para a frente.

RUBENS DE MORAES

# Chronicas

## THEATRO DOS BONECOS

(Resumo de um artigo de Roger Avermaete)

**n**INGUEM está disposto a tomar muito a sério um theatro de bonecos. Entretanto, é elle uma cousa serissima.. O tempo que Roger Avermaete e seus companheiros gastaram na sua montagem, demonstra como é elle capaz de absorver a actividade de muitos espiritos graves e reflexivos...

\*\*\*

O primeiro problema que os preocupou foi o da confecção de uma «marionette». Em geral, os bonecos de engonço são informes, sem linha, sem estylo, com os movimentos dos membros quasi que inexpressivos. Afim de remover esse

inconveniente, construíram, depois de pacientes pesquisas, um boneco de duas dimensões, chato. Em vez de vestil-o, pintaram-no. E como o personagem é chato esta fatalidade physica tem a vantagem de dar-lhe maior expressão. Uma vez que o artista tem de recortar o boneco numa attitude que será immutavel, uma vez que tem de desenhar braços, cujos movimentos serão forçosamente limitados, procurará, antes de tudo, dar, da maneira mais synthetica possível, o character de seu personagem. Os resultados obtidos, nesse sentido por Henri Van Straten foram admiráveis.

Construido o boneco, restava unicamente encontrar um processo pratico de animal-o. Foi então que Franz Buyle alvitrou que se não dirigissem os bonecos de cima para baixo, como sempre se fez. E apresentou um systema de sua invenção, logo entusiastamente acolhido, consistente no seguinte:

O boneco é montado em angulo recto sobre um tubo duplo, estreitinho, deslizando sobre o sólo, accionado por detraz do panno de fundo

**k l a x o n**

# 11

pelos manobristas. Esse caminho duplo termina por um cabo, onde vêm ter, fixos por anéis, os tenues fios de aço, que através dos tubos, dirigem os movimentos dos bonecos. Desse modo, o jogo de scena pôde attingir uma precisão notável. Quando um dos bonecos tem que passar adiante do outro, o caminho duplo do primeiro desliza, sobre o do segundo, sem que o espectador perceba.

Além da posição bastante elevada do palco, os tubos são por si mesmos quasi invisíveis.

Na primeira representação dada em Anvers, no Club Artes, na presença de 60 artistas, ninguém soube explicar o mechanismo empregado. É preciso dizer que o panno do fundo é transparente e, desse modo, os manobristas, sem serem vistos, pois ficam no escuro, estão ao par, sem dificuldade dos menores movimentos executados pelos bonecos, sobre a scena illuminada.

Os décors pintados deram resultados negativos. Roger Avermaete e Franz Buyle chegaram á solução de um décor unico, transformavel. E assim com um scenario, composto de seis partes distinctas, conseguiram fazer combinações de mise-en-scène quasi innumeraveis. Essas partes são 1.º um fundo; 2.º e 3.º dous pannos verticaes duplos, formando angulo recto com os bastidores; 4.º um scenario quadrado tendo a dimensão da abertura do palco e fechado em tres quartas partes; 5.º um frizo e finalmente um panno horizontal — todos elles de seda. O frizo é de tres côres (verde, fulvo, preto); o fundo, verde, e os demais, cinzentos. A electricidade encarga-se do resto.

## LIVROS & REVISTAS

Affonso Arinos, por Tristão de Athayde. — Anuario do Brasil — Rio 1922.

**d**isseram de Latino Coelho que era um estilo á procura dum assumpto... Parece-me esta uma característica flagrante da literatura contemporanea brasileira. Com menos estilo podem. Nestes ultimos tempos tem sido grande a copia de livros em que, necessitados de exprimir seus pensamentos ou dar largas á fogosidade alexandrina, pensadores e poetas brasileiros retomam assumptos velhos, velhos temas em que exerçam pensamento, estilo e metrica. Sentem a necessidade de pensar, de poetar; mas pensar sobre que? poetar sobre qué? Parece então faltar-lhes aquele

movimento lirico inicial que conduz ás criações originaes. (Mais ou menos originaes, pois que tudo se repece, em evolução). Assim temos alexandrinos sobre "Fausto e Anasverus", "Dom João", "Fausto e Dom João" e o sr. Martins Fontes ainda escreve uma arrequinada para provar que estuda com applicação o dicionario. Entre os pensadores os melhores livros apparecidos nestes ultimos tempos tambem não possuem esse assumpto original. (Uma ou outra rara excepção.) Não pensam sobre uma idea, sobre uma abstracção mais ou menos pessoal, pensam sobre uma obra, um autor que lhes facite o nascimento de ideas. E talvez esta fase do pensamento nacional se desenhe um dia como eminentemente critica, mas não creadora.

A essa serie de obras criticas incorpora-se agora o "Affonso Arinos" do sr. Tristão de Athayde. E este autor além de se comparar a Latino por ser um estilo á procura dum assumpto, (diga-se de passagem: comparação a que não empresto o minimo sentimento pejorativo), ainda se equipara ao classico pelo estilo. Tem de Latino aquele verbalismo sonoro e comedido, aquele bruno, a mesma cadencia, a mesma equilibrada e melodica frase. Apesar do nenhum aspecto de actualidade que tal direcção apresenta, encanta sensualmente o ouvido: sonora, musical e serena.

Nesse estilo o sr. Tristão de Athayde estuda com perfeição a figura de Affonso Arinos. Livro ditado pela saudade e pelo amor era de temer que o autor se desmanchasse em elogios exagerados e hinários de quasi religiao. Mas o estilista e daquelles poucos que sabem amar sem que isto lhes cerceie a faculdade critica. E escreveu assim um livro de fina observação, de justo elogio, onde o erudito se entremostra apenas, sem vaidade, mas seguro de si. Um pouco especiosa talvez aquella subdivisão da literatura nacionalista em: das cidades, das praias, dos campos, das selvas, da roça... mas isso não prejudica absolutamente a verdade da critica. É um livro exacto e bom, com um prefallço de admiraveis consideraveis sobre a critica de hoje.

M. de A.

Le Miracle de vivre — Charles Baudouin — Edição "Lumière". Belgica - 1922.

O sr. Carlos Baudouin envia-nos de Antuerpia seus ultimos poemas: "Le Miracle de Vivre". É mais uma obra admirável do poeta. Espirito contemplativo e sobremaneira delicado, o sr. Baudouin não se voltou ainda resolutamente para para a realidade contemporanea

# k l a x o n

da vida. Os seus temas, embora tristonhos quasi sempre, ásperos ás vezes, respiram sempre a suavidade um pouco sceptica, duma alma que vê da vida apenas aspectos gerais, filosoficos, e ainda vê esses mesmos aspectos pela reprodução deles nela e não directamente na realidade tangível. Os poemas do sr. Baudouin saem-lhe, como esses quadros da Renascença italiana; pinturas de atelier, mas ordenações muito perfectas, onde impera uma rara compreensão architectónica. O snr. Baudouin tem o senso da ordem; seus poemas são construções perfectas, em que se desenrola como que uma vida marginal, não vibrante, ridicula e descortez como a real, mas grave, serena, e levemente piedosa.

E, tratando embora eternos temas, é de ver-se como o poeta se renova, pela imagem imprevisita e sugestiva, sempre comedida e sem exageros:

“des vagues d’humanité, messages des antipodes; écrasent à nos rives leurs déflagrantes décharges...”;

“sur mon front, encore endolori de mon sommeil brassé de bruit glissaient les clairs doigts de glace de l’aube...”

E fica-se, ao sair do livro, com os olhos mais largos, a ver invisíveis doçuras. Desejariamos porém que o snr. Baudouin seguisse mais o conselho que dá, ao terminar o livro:

“O toi qui vas, les yeux et la tête baissés de grâce, lève la tête, ouvre les yeux—aux choses!

Ouvre ta chair, ouvre ton âme, ouvre-toi tout: le Monde est là!”

Readquiriria então essa força, essa realidade comica, dolorosamente comica que apenas passa nos seus versos como a lua que

“descend les escaliers du ciel, grosse de clameur, [mais silencieuse”.

Além de poeta suavíssimo, o snr. Baudouin é um artista. Totalmente livre de preconceitos, utiliza-se da rima apenas quando esta lhe surge natural á boca da pena. Usa principalmente assonâncias admiráveis. Eis dos exemplos, ao acaso:

“Une nuit de la fin l’été, une nuit tiède encore [septembre, avec sa vie infiniment en flamme de veilleuse [qui tremble.

Les faibles étoiles opalines, ces menus coeurs [muets qui battent, la patience blonde des lampes de la grande ville [là-bas...”

“Et je sais que malgré le gout amer et âcre qu’incruste dans ma bouche le pain noir de la [peine,

quand-même, mon Dieu, quand-même

la vie miraculeuse autour de moi — déflagre.”

A rítmica do autor do “Miracle de Vivre” é curiosa, duma cadencia embaladora, muito própria para a indole fina e levemente romantica (no bom sentido) do poeta. E como por outro lado, o apuro do dizer, inédito, mas contido, dá-lhe características clássicas, o snr. Baudouin ultrapassa o ambito das escolas, para collocar-se no paiz mais largo e sem limites da Poesia. Não será possível encontrar no livro o mais leve impressionismo. E’ caracteristicamente um constructor, e por isso um dos mais legitimos poetas de nossa era. E ainda, para livra-lo do impressionismo, tem a propensão para o dialogo, para a monologação, para a resposta sem pergunta que o tornam eminentemente dramatico e teatral. Já disso era prova sobeja o seu drama “Ecce Homo”, que, si não fôra a estranha similitude de Madalena com a Kundri de Wagner, seria uma obra integral.

A edição do “Miracle de Vivre”, como todas as edições de “Lumière”, é magnifica. Confessaremos no entanto que as xilografias do snr. Joris Minne soam, singularmente chocantes, como um trombone que entrasse em fortissimo, no quartetto de cordas dos versos. O snr. Joris Minne, como comentador que era do poeta, não devia assim sobrepor ostensivamente a sua personalidade inquietada e tumultuosa á personalidade regrada e calma do poeta. O desenhista é inegavelmente um artista; mas como temperamente vibrante e másculo, demasiadamente moderno e simultâneo, não soube dobrar-se ao papel de comentador; e tem-se a impressão, si nos permitirem uma comparação psicologica, que as illustrações são a sensação e os versos a imagem conservada, sintetica mas enfraquecida. Assim o livro, considerado como obra de arte, saiu desigual. Cremos porém que com isso os versos do snr. Baudouin nada perderam. Ao contrario: mais se evidenciou assim o seu milagre de viver uma existencia á parte, que desliza entre piedade e paz.

MARIO DE ANDRADE

“Pascal e a inquietação moderna” — Jackson de Figueiredo — Edição do Centro D. Vital — 1922.

Livro de sólida e despretenciosa erudição. A parte que se refere propriamente a Pascal é magnifica, embora por uma evidente sympathia para com o escriptor da “Provincias”, o A. lhe perdoe com muita rapidez os erros.

As notas sobre a inquietação moderna carecem de vigor e mesmo um tanto de realidade.

# k l a x o n



O A. não no-la apresenta bem viva, e nem lhe determina com energia as causas. Demais Jackson de Figueiredo perde tempo e estudar certos pensadores modernos que, apesar de ligados ao pensamento de Pascal, não tiveram muito grande influencia sobre a inquietação moderna. Assim a influencia de Secretan sobre o pensar irrequieto e vaidoso dos nossos dias não nos parece tão evidente quanto ao A. se afigura... mas o assumpto era vastissimo; e Jackson de Figueiredo se cingiu especialmente ás irradiações do genio de Pascal... O português do livro é ruinzinho. O A. lida mal a lingua. Não lhe dá relevo nem número. E é pena. Jackson de Figueiredo sendo, não ha negar, um dos mais perspicazes e rectos cultores da filosofia, propriamente dita, no Brasil moderno, está destinado a escrever, com o evolver e o aperfeiçoar-se, dos milhores livros que nesse ramo das sciencias, até hoje se escreveram em lingua portugueza.

No admiravel desenvolvimento do seu espirito. Jackson de Figueiredo, já agora inteiramente católico, é um dos mais notáveis filósofos do Brasil. Seu novo livro é a manifestação duma altíssima nobreza e duma serenidade orgulhosa e justa. E demonstra — o que é de grande importância neste paz de cavalgadas em que ser católico é sinal de escravidão e fraqueza — quanto é belo o homem de hoje que, através das escravidões vaidosas produzidas pelo individualismo, soube, por ser livre, fazer-se cristão e católico romano. Linda lição.

G. d. N.

## RECEBEMOS:

**Nouvelle Revue Française** — No sumario do numero de Julho: um artigo de J. Rivière sobre politica internacional. Um fragmento de Pierre Hamp. Poema de Mélot Du Dy. Um conto de Louis Aragon. Inedito de Dostolewsky. Reflexões sobre a litteratura por A. Thibaudet. Chronicas.

**La Criée** — Numero de Julho com interessante collaboração de Marcel Milliet, Léon Franc, etc.

Ainda "O GAROTO"

## CINEMA

"O GAROTO" por Charlie Chaplin é bem uma das obras primas mais completas da modernidade para que sobre elle insista mais uma vez a irriquieta petulancia de KLAXON. Celina Arnauld, pelo ultimo numero fóra de serie da "ACTION", commentando o film com bastante clarividencia, denuncia-lhe dois senões: o sonho

e a anedota da mulher abandonada que por sua vez abandona o filho. Talvez haja alguma razão no segundo defeito apontado. Effectivamente o caso cheira um pouco a sub-litteratura. O que nos indignou foi a poetisa de "POINT DE MIRE" criticar o sonho de Carlito. Eis como o percebe: "Mas Carlito poeta sonha mal. O sonho objectivado no film choca como alguns versos de Casimiro Delavigne intercaladas ás "ILLUMINATIONS" de Rimbaud. Em vez de anjos alados e barrocos, deveria simplesmente mostrar-nos "pierrots" enfarinhados ou ainda outra cousa e seu film conservar-se-hia puro. Mas quantos poemas ruins têm os maiores poetas!"

Felizmente não se trata d'um máu poema. O sonho é justo uma das paginas mais formidaveis de "O GAROTO". Vejamos: Carlito é o maitrapilho e o ridiculo. Mas tem pretensões ao amor e á elegancia. Tem uma instrução (seria melhor dizer conhecimentos) superficial ou o que é peor desordenada, feita de retalhos, colhidos aqui e além nas correrias de aventura.

E' profundamente egoista como geralmente o são os pobres, mas pelo convívio diurna na desgraça chega a amar o garoto como a filho. Além disso já demonstrara sufficientemente no correr da vida uma religiosidade inculta e ingenua. Num dado momento conseguem emfim roubar-lhe o menino. E a noite adormecida é perturbada pelo desespero de Carlito que procura o enfeitado. Com a madrugada, chupado pela dor, Carlito vae sentar-se á porta da antiga moradia. Cahe nesse estado de somnolencia que não é o somno ainda. Então sonha. Que sonharia? O lugar que mais perlustrara na vida, mas enfeitado, ingenuamente enfeitado com flores de papel, que parecem tão lindas aos pobres. E os anjos apparecem. A pobreza inventiva de Carlito empresta-lhes as caras, os corpos conhecidos de amigos, inimigos, policias e até cães. E os incidentes passados misturam-se ás felicidades presentes. Tem o filho ao lado. Mas a briga com o boxista se repete. E os policias perseguem-no. Carlito foge num vôo. Mas (e estaes lembrados do sonho de Descartes) agita-se, perde o equilibrio, cahe na calçada. E o sonho repete o accidente: o policia atira e Carlito alado tomba. O garoto saccode-o, chamando. E' que na realidade um policia chegou. Encontra o vagabundo adormecido e saccode-o para accordal-o. Este é o sonho que Celina Arnauld considera um máu poema. Como não conseguiu ella penetrar a admiravel perfeição psychologica que Carlito realizou! Ser-lhe-hia possivel com a mentalidade e os sentimentos que possuia, no estado psychico em que estava, sonhar pierrots enfarinhados ou minuets de aeroplanos! Estes aeroplanos imaginados pela adoravel dadaista é que viriam forçar a intenção da modernidade

# klaxon

em detrimento da **observação** da realidade. Carlito sonhou o que teria de sonhar fatalmente, necessariamente: uma felicidade angelical perturbada por um subconsciente sabio em coisas de soffrer ou de ridiculo. O sonho é o commentario mais perfeito que Carlito poderia construir da sua pessoa cinematographica. Não choca. Commove immensamente, sorridentemente. E, considerado á parte, é um dos passos mais humanos da sua obra, é por certo o mais perfeito como **psychologia** e originalidade.

M. de A.

## LUZES & REFRACÇÕES

Está entre nós o escriptor portuguez Antonio Ferro. Ao autor dessa adoravel "LEVIANA" offereceram os Klaxistas um jantar. Houve alegria, amizades, discursos e trocadilhos. Num dos momentos um dos convivas escreveu no cardapio: "S. Paulo precisa importar ferro". Ao que o homenageado immediatamente respondeu: "porque Ferro se importa com S. Paulo". O céu escureceu. A Terra tremeu. E muitos mortos ressuscitaram.

\*\*\*

Um tal senhor Gaston O. Talamon espirra por "La REVUE MUSICALE" umas indicações sobre "O Estado actual da Musica Argentina". Estava no seu direito. A Argentina é um paiz mui honrado e cantador que tambem deve ter na sua evolução sonora um estado actual. Era tambem justo que apparecesse um erudito Gaston que desse noticia da cousa aos leitores da "Revue Musicale" Mas o erudito Gaston, espirra suas indicações de uma maneira originalissima. Não tendo tempo para desoccupar as ventas escancaradas que estavam para respirar o perfume sangrento da carne crua, e talvez por

tratar de musica, espirrou pelas orelhas. E, confessamos, enormes de pavilhão devem ellas ser pois são estes os espirros do erudito Gaston: "Buenos Ayres tornou-se o maior centro dessa cultura, é ella que aspira a traduzir os ideaes que agitam o Perú', o Equador, o Chile, o Mexico, o **BRASIL**, o Uruguay, etc..."

O snr. Henry Prunières, director da "Revue Musicale, naturalmente não leu o espirro. Quem como elle escreveu já sobre o concerto realizado no Rio de Janeiro no seculo 18, por occasião da coroação do vice-rei (Feuillets d'Art); quem como elle já abrigou na "Revue Musicale" um artigo do snr. Milhaud sobre a musica brasileira, certamente teria escoimado das paginas de sua revista uma tal asnidade.

Mas não é a possivel erudição causada pelo artigo nos leitores da "Revue Musicale" que nos interessa agora. O que nos interessa é a psychologia do tão argentino quão erudito Gaston. Pensa um pouco leitor, não te irrites, e rirás uma hora sem cessar. Pois não é que um homem, um Gaston! constipa-se tão patrioticamente, a ponto de ir espirrar, no coração da França, que Buenos Ayres traduz os anseios musicaes do Brasil! Caramba! Que **valiente!** E' impagavel! Que nos importa se a planeira de Marselha procurar nos dictionarios musicaes a historia de Carlos Gomes, ou no artigo do snr. Milhaud os nomes de Nepomuceno e Villas-Lobos, Nazareth ou Tupinambá, todos, todos compositores argentinos, concorrendo para a grandeza musical de Buenos Ayres! Que nos importa? E' tempo de alegria! E' o centenario da independencia de Buenos Ayres que celebramos a 7 de Setembro! Demo-nos as mãos! Bailemos ante a estatua de Monroe! A America para os buenaienses! E enviemos ao erudito Gaston um sorridente, muito amigo, espirro de amizade!

# klaxon

# 15

Em nota de 20 de Agosto passado, fallando sobre "Os Condemnados" de Oswaldo de Andrade, affirma o "Jornal do Commercio" que os modernistas ficaram "damnados" com o apparecimento desse livro de "velha escola". Engana-se o articulista. E enganou-se 3 vezes. O numero é symptomatico. 1.º engano: A expressão "cavallos sobrehumanos" é do autor dos "Condemnados". 2.º engano: Chamar de "velha escola" é simultaneidade, ao processo cinematographico, ao expressionismo e principalmente ao principio esthetico do unico plano intellectual da "Trilogia do Exilio" é desconhecer a "velha escola" e o sentimento de modernidade. Por que principios criticos se pauta o articulista? Certamente não vive na época em que vive. Pois saiba que em todas as épocas de construção os creadores são verdadeiros primitivos. Assim foi com os das cavernas quaternarias, assim foi com os do periodo logo anterior á Renascença, assim será com os homens do 1.º e é quasi certo ainda 2.º quartéis do século 20. Os primitivos apresentam sempre 2 tendencias, quase que oppostas: o realismo e a estyvisação, moralmente symbolica (não confundir com symbolismo moco). Oswaldo de Andrade, embora haja uma larga ressonância lirica nos "Condemnados", segue a primeira dessas tendencias. O realismo é de todos os tempos, sabemos bem: mas realízalo com simultaneidade, cinematicamente fazendo coisas e factos se reflectirem todos num só plano, como que os isentando do que se poderia chamar a perspectiva intellectual é construir obra modernissima, duma actualidade que o articulista ignora e o Brasil centenário também. Portanto (3.º engano) saiba o articulista que o barulho dos modernizantes continuará, não como berros e prantos de damnados, mas como epinícios de alegria e orgulho justissimo.

7 de setembro!...

Abro as duas janellas do meu quarto para a paisagem que se repete todos os dias e que eu decóro todos os dias.

33 á sombra. Centenario!!!

Um calor surprehendente que tudo dilata, que tudo expande, que tudo abre, para a festa de hoje.

O céu, feliz, sóbe, azul, uniforme e polido, annunciando ao europeu, que desembarca, suando, no Rio, os cem annos do Brasil. Cem annos

quentes. Com febre. Macrobio-Ephebo, "que se desenvolve como um adolescente, coberto de espinhas", — as reformas — que salta com alacridade, — o jazz-band — e que, ás vezes, todos os mezes, aposta corrida suffocado, — á KLAXON! Macrobio-Ephebo!

Sinto junto a mim o rumor do Rio de Janeiro, a cidade dilatada, feita para rojões... e onde existe um DEUS inicial e immanente, de quem ella recebe rythmos e movimentos: RUY BARBOSA. Mas ninguem conhece RUY BARBOSA nem ninguem se preoccupa com a Independencia, não. Quando o policia, nervoso, apita, á esquina, nós todos corremos á janella. Dahi o successo das embaixadas. Dahi Antonio José de Almeida. Dahi a marcha na Avenida. Dahi Coelho Netto com 130 pulsações por minuto!!!

Que ficará do Centenario? Talvez unicamente as torres que se ergueram no recinto da Exposição.

Eu adoro as torres, têm ancias, coitadas.

Esta noite pensei numa rua de São Bento, asphaltada, cheia de torres, e que não tivesse nunca fim: que emoção!...

Outra cousa também me tem commovido: a representação japoneza, solenne, de seda, apertando a mão de Epitacio, o brasileiro magnifico, que, barbeado e radiante, parece ter sahido hontem do fundo vivo da Natureza.

Adeus! 33 á sombra.

"Devo assignalar, finalmente, esta circumstancia agradabilissima: na Bahia não medra a psychose literaria do "penumbriismo", nem os innovadores pau. . . listas são levada (sic) a sério".

SAUL DE NAVARRO, no "Mundo Literario". Anno I. N. IV.

Assim, nessa linguagem nausea...bunda, esse senhor bahiano cosinha um pessimo vatapá em homenagem a alguns conterraneos seus que

# klaxon

# 16

têm o máo gosto de formar o que elle chama "a pujante intellectualidade bahiana" E cita o senhor bahiano dois sonetos parnasianos, representativos da moderna poetica sua patricia. Parnasianismo, na Bahia, é pardoço. Porque a Bahia absolutamente não prima pela fórma: o vatapá, por exemplo, é o prato mais mal apresentado que ha no mundó. O senhor bahiano acha que esses sonetos são o que se pôde chamar o "succo" Não são o succo, meu senhor! São o bagaço. Conhece as laranjas de umbigo que rebentam abundantemente na "doce paz do solar avoengo" de Itaparica? Pois em literatura como em laranjas: chupa-se o succo e atira-se fóra o bagaço. O parnasianismo já foi o succo: agora é só bagaço. Creia isso.

Mas o senhor bahiano é incoherente: elogia muito a vida moderna da sua grande capital e remata; A' meia noite, "o noctivago tem de tomar o ultimo bonde, ou dormir nos bancos dos jardins..." Nem tyburis na sua linda e adeantada metropole, caro senhor?!

Numa cousa estamos, porém, de accordo com o senhor bahiano: é que a Bahia parece mesmo ser "bõa terra" Mas estamos tambem de accordo com o resto da modinha: "ella lá e... nós aqui"!

Depois de Graça Aranha, Antonio Ferro. Agora Dario Nicodemi. E' a familia de Klaxon que cresce e se confirma.

Os cavalheiros que fazem literatura nos cantos de rua e de salão espantam-se. Antonio Ferro representa Portugal culto e é Klaxista. Dario Nicodemi sauda Menotti Del Picchia e a geração Klaxon num telegramma de amor solidario.

E' a onda que cresce para castigo dos que acreditam ainda no romancista Canto e Mello e lembram com saudade declamatoria os bons tempos em que o Sr. Aristeo Seixas era poeta e Tina Di Lorenzo chorava Rostand no ex-Sant' Anna. Bons tempinhos... pinhos... tempo dos pinhos... punhos cerrados para as Paulicéas!

Antonio Ferro, nas luzes de um hall, é a serenata de Portugal. E' bello. Ao meio-dia, é possante, aggressivo, trepidante como um Klaxon. Impropriedade. Caixa de soccorro... Depressa... o Sr. Alvaro Guerra!

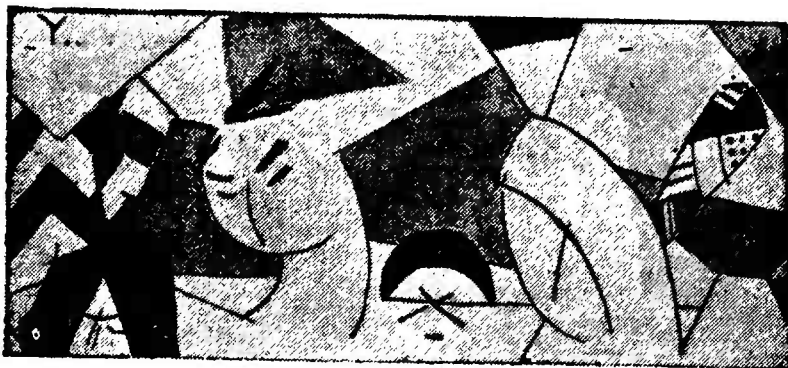
Não se espantem, estamos na Idade do Jazz-Band. Já vou tomar o bonde... Ai!

(Segue-se o fallecimento do leitor passadista).

Inaugurou-se o primeiro salon paulista. Ao lado de appetitosa feira de alexandrinós, catitas coisas; sargentinhos de Wash; valles do Sr. Paulo do Valle que valem alguma coisa, roças do Sr. Paulo Rossi, etc. Só falta o Carlito, sim, o Benedicto Carlito, o de Santos.

Compensações. Duas grandes notas de arte — Annita Malfatti e Tarcila Amaral.

Emfim, é um esforço — já o disse em discurso o nosso Menotti Del Picchia. E um esforço que vale mais que todos os officiaes salons do Rio de Janeiro. Não somos optimistas Reproduzimos apenas a opinião dos expositores paulistas. Estamos com elles,



# klaxon

De Mario de Andrade

## Paulicéa

## Desvairada

Em todas as  
livrarias

De Oswaldo de Andrade

## Os Condemnados

Em todas as  
livrarias

De Guilherme de Almeida

BREVEMENTE

**Natalika** edição KLAXON

**Messidor,** tradução  
franceza de Serge MILLIET

De Vin. Ragogetti

BREVEMENTE

**Gazarra**  
**Cittadina**

